

# O EXEMPLO

Anno II

Redactor e editor  
**Arthur Andrade**

ESCRITORIO  
Rua Andradas—247

Propriedade de uma associação

Porto Alegre — Domingo, 23 de Julho de 1893

Director-gerente  
**Marcilio Freitas**

ASSIGNATURAS  
Por mez... 500 rs.

N. 32

## Pelo dever

Acompanhámos detidamente os judiciosos artigos que sob a rubrica « Actualidade, » acaba de publicar pelas columnas deste modesto organ, nosso patricio e amigo Miguel Cardozo. Applaudindo, com algumas alternativas, os conceitos emitidos nos dois primeiros, por estarem traçados de accordo com o programma que subscrevemos, temos, no entanto, de oppor algumas objecções, quanto ao terceiro.

Na verdade; devemos aconselhar nossos chefes de familia que mandem seus filhos á escola; porque, como bêm disse Hoche:

« Os preconceitos não se destróem á bala: as luzes, a instrucção e o tempo são armas mais seguras. »  
Devemos aconselhal-os que não descurarem, tambem, da educação instructivamente domestica; porque desembrasado o cerebro ainda adolescente de nossos congeneres das fibrihas da ignorancia, elle melhor receberá e melhor sazonará, sem a mucilagem da origem, a semente da sabedoria; portanto, de pleno accordo.

Aguardavamos, anciosamente apprehensivos, a terminação de sua serie de artigos, onde no ultimo se desobrigaria do compromisso tomado, provando a não existencia do preconceito de raças, officialmente instituido, tendo por base a côr da epiderme.

Infelizmente realisou-se nossa previsão; pois o terceiro e ultimo artigo da serie damnifica completamente o *ferro frio* em que temos malhado desde a fundação de nosso periodico; que é: O preconceito de raça, officialmente instituido, tendo por base a côr da pelle, tem sido até hoje o joio que nos embaraça, mais ainda nossas justas aspirações de cidadão brasileiro.

E, para conseguir condemnar esse principio, lança mão do seguinte argumento, dizendo que nas escolas publicas, emquanto contam-se cem alumnos de côr branca, não se contam nem vinte de côr preta! Razão flexivel.

Quem escreve estas linhas frequenton a aula primaria do 1.º districto desta capital, dirigida pelo então professor publico Raphael Antonio de Oliveira; e o que fazia esse funcionario?... Separava-nos para um quarto escuro contiguo á sala, onde estavam os brancos; e lá recebiamos a instrucção correspondente á obumbrada luz diurna que exiguamente nos illuminava. Eis ahí estabelecido o preconceito escolar, tendo por base a côr, nos afugentandô das aulas publicas!

Devemos, portanto, combatel-o; porque contribuimos tambem com o nosso obulo para o ensino publico.

Diz o amigo « que muitos de nossos irmãos são chamados (o gripho é nosso) a occupar cargos publicos » e mais adiante que:

« Vults bem salientes de homens de côr existem em nossa sociedade brasileira, e que fazem parte de circulos importantes, quer na vida publica, quer na vida militar, sem distincção dos outros homens. »

Os trechos que acabo de transcrever vêm robustecer o criterioso preceito que cito: « Os preconceitos não se destróem á bala. » Elles (os trechos) significam o triumpho do merito sobre a ineptia; e nada mais: pois bem sabemos as difficuldades com que lutam nossos iguaes para serem devidamente classificados no resultado dos concursos a que se inscrevem, apezar do reconhecido talento que os recommendam e do conhecimento amplo das materias de que prestam exame.

Ainda está bem patente na ima-

ginação de todos quanto sabem desse facto, o concurso realisado para o preenchimento de uma vaga na Secretaria do Governo, ao qual concorrerã 33 candidatos; sendo unicamente approvedo o cidadão de côr parda Justino Coelho da Silva Junior; isto porque não puderam offuscar o brilho da intelligencia desse modesto moço. Porém, contra a expectativa geral, o que succedeu?...

Gaspar da Silveira Martins, então presidente da provincia nullificou o concurso!!!

O que foi isso mais do que a explosão do preconceito estúpido de côr actuando no julgamento dos samicas que nos governavam, que não admittiram que um *negro* suplantasse com seu merito incontestavel a uma caterva de nullidades caídas.

« ... não existe o preconceito de raças de que se queixam muitos » (!..)

Então como se justificam esses recrutamentos parciaes que se procedem, feitos de emboscada nas obras, onde jovens operarios vão amassar o pão quotidiano, só recalhindo em nossos similes, em quanto que os brancos vagueiam sem trazerem letreiro que os isente da coacção da liberdade, sejam elles quem forem?

Não será isso um preconceito estulto, que redunda n'um privilegio perigoso dispensado pela differença da côr?...

Quanto a um ou outro individuo de côr preta ou parda occupar uma posição official de origem meramente politica, é porque desgraçadamente ainda existem muitos a quem os baifejos de ephmeras regalias obsecam-lhes de tal maneira os sentimentos nobres, que não sentem ecoar em sua alma os estalidos das palmatoadas dadas no tremuro da cadeia, em homens justamente conceituados, negociantes estabelecidos, simples-

mente porque trazem o *estigma* da cor preta ou parda! (E isto em-bos-a civilisada capital!...)

Não devemos nos vangloriar por posições adquiridas por tão alto preço. Ellas são uma especie de injeção de cocaína com que os potentados anesthesiam os brios de homens de *côr*, de merecimento puramente material, afim de abusarem da humildade do isolado proletario que não encontra uma voz autorisada que proteste contra as violencias que são infringidas, que reclame por seus direitos de cidadãos brasileiros, estatuidos na constituição da Republica.

Porém, no dia em que um homem preto ou pardo, independente e de merecimento quer moral, quer intellectual, tiver a hombridade, a altivez de caracter para repellir, dorido, uma posição que não passa de detritos da politicagem, com os quaes lhe tentem engodar a consciencia, fazendo sentir aos correligionarios da facção partidaria a que estiver filiado o menosprezo, a falta de equidade, perante as leis, que soffrer um seu igual, digno de acatamento e de garantias, pela sua conducta inatacavel, nesse dia, eu tenho certeza, seremos mais *tolerados* na comunhão social brasileira.

Mas enquanto isso não acontecer, o preconceito campará com toda a ferocidade.

Perdoe-me o amigo Miguel Cardoso as amargas considerações que acima ficam expensas; pois que são de-

## Folhetim

DE FÓRA

Andrade,

Amigo e parente,

Compadre, chefe, editor.  
Praza a Deus que a presente  
Vá encontrar o senhor  
Forte, robusto e contente.

E como sei que aborreço,  
Quando á pena lasco a mão,  
E' por isso que começo  
Implorando o seu perdão,  
O seu perdão, se mereço...

vidas ao ser eu um de tantos que se queixam da existencia do preconceito de raça, baseado na *côr* da cutis.

E. CALISTO.

## APPREHENSÃO

A's ar'ercias do sol da mocidade,  
Dentro do peito — ubernal devesa,  
Onde subtil as urzes da incerteza  
Medram co'a flôr de nossa fl'icidade,

Cultivo umas plantas de ideal belleza  
Que são — o amor a par d'uma saudade,  
Regadas pelo ôlhar de uma beldade  
— Aurora scintillante de pureza!

Por isso temo, triste, angustioso,  
Que, com o perpassar de mais um anno,  
Nasça o joio no meu jardim donoso

E se enlace na flôr de meus arca os,  
Myrrando a sua veiva impiedoso,  
Este joio fatal — o desengano!

HELIO SILVA.

Toda a moça que é bonita  
Nunca devêra nascer:  
Parece péra madura,  
Que todos querem colher.

Ao sahir da igreja bem casadinho  
um extravagante que até então tive-  
ra mais de dez namoradas, disse-lhe  
a noiva:

— Ora agora, meu caro, d'aqui  
em diante é ter juizo e não fazer  
mais asneiras.

— Sim, minha querida, juro-te  
que esta foi a ultima.

Demais, eu julgo ser tempo  
Do meu *alce* terminar,  
Pois ha muito ne *Exemplo*  
Eu não occupo u' lugar,  
Com garbo e com luzimento.

Por isso, meu bom amigo,  
Lhe vou dar d'ua massada:  
Pelo meu costume antigo,  
Lhe mando moxinifada;  
Não fique de mal commigo.

E, se só lhe escrevo agora,  
E' que a maistempo não pude;  
As cousas aqui por fóra  
Estão colladas a grude  
E promptas p'ra cada hora.

Imagine, meu parente,  
Euj que sou bom e pacato.

## Pauladas

Decididamente sou incorrigivel! D'esta vez f'oi preciso me prenderem no escriptorio, para conseguirem que eu enchesse estas tiras.

Mas a leitora ha de me perdoar por não ter apparecido, por estas columnas, no domingo passado; sim, perdoar-me, porque eu sou um rapaz que disponho de pouco tempo para me occupar em collaborar em jornaes, embora semanaes; e estou mil vezes arrependido de me ter comprometido a escrever esta secção.

Imagine a leitora que eu trabalho todo o dia, e á noite, quando saio, ou me distraio em palestra intima no escriptorio, ou vou conversar no *Castello*, onde ás vezes funciona o tal club dos *Prazeres*.

Finalmente eu vegeto, não vivo; porque pouco leio; raras vezes vou ao theatro; e a bailes, nem sempre.

O que eu aproveito muito são os saráos em que como e em que tenho a dita de contemplar os encantos de *minha amada*.

Em fim penso ter explicado a razão porque não desempenho sempre, satisfactoriamente, a missão de que sou incumbido; portanto, perdoa-me leitora!

Deixei a *China* em *crescente*.  
Corri depressa p'ro matto,  
Vivo da familia ausente.

Porque aqui no rincao,  
Anda a cousa muito feia:  
Nos obrigão *dar a mão*,  
*Repontão* logo á cadeia,  
Onde *sórna* o cidadão.

Se é pardo ou preto, *chi mico!*  
Devêras que passa mal;  
Se cahe n'asneira—abre o bico,  
Apanha como um *baqual*,  
Ou como um gallo nanico.

E o que protesto fizer,  
Seja embora por chalaça,  
Adeus filhos e mulher;



## O EXEMPLO

Principiarei protestando contra o modo por que o Sr. Birboque, no ultimo *burlesqueando*, procurou deturpar os gluttonicos fins a que se destina o club dos *Prazeres*.

Diz o amigo Birboque que o Raphael está organisando um club dos *Prazeres*; e para esse fim reúne uma moçada escolhida, gorda e corada na sua pittoresca casa no Riacho.

Alto lá, seu Birboque! Olhe que isto dá margem a más interpretações; podem julgar que o outro club que funciona no *Castello* é do mesmo genero d'esse. Não! é preciso ver que a este pertenco eu, o Marcilio e outros rapazes que, de fôrma alguma, nos podemos confundir com essa rapaziada corada, escolhida e gorda de que fallaes.

O nosso fim é exclusivamente aprendermos a comer que é para, quando convidados para algum *festim*, sabermos-nos *des trocer*.

Cada vez me venço mais de que esse negocio de gastar-se horas e horas a chocar uma rapariga, quero dizer, de estar em conversa amorosa com uma menina, não é das melhores cousas.

Como consequencia immediata pôde vir o casamento, que na epocha actual, com a carne a

Contra gosto assenta praça,  
Para a *Patria* defender!

Mais padece quem trabalha,  
Porque não vai á officina:  
A gente não come palha,  
Porém se sae, desatina,  
Enem ha Deus que nos valha!

Por isso daqui não saio,  
Faço do matto *querencia*,  
Embora me parta um raio;  
Cõmpadre, teha paciencia,  
Ir ao rincão eu não caio.

Tanto assim que pretendia,  
Calladinho, de surpresa,  
Ir fazer-lhe companhia  
Por um mez á sua meza;  
Mas desisto da folia...

400 rs. o feijão a 17\$000 o sacco, e o milho a 6\$500 (isto não é allusivo, porque podem crear pintos para mais tarde tomarem um caldinho de gallinha) é um pau medonho.

A's vezes o sujeito é meio bilontra; porém encontra uma velha como encontrou o *Marcilio* que obrigou-o a cultivar o pé da flôr da qual gostava de respirar o perfume;—e ahi é que são ellas.

O bilontra vê e em apuros; a velha descobre a historia, promette empurrar o cabo de vassoura no marmanjo, dá parte ás auctoridades e o bilontra vê-se coagido a enforçar-se na *corda do matrimonio*.

Depois vêm os filhos.. dinheiro para isto, dinheiro p'ra aquillo; e o rapaz, que nos tempos de solteiro só pensava na bilontragem, não tem remedio senão tomar a cousa ao serio e ir pagando seu tributo.

Tudo isto porque?

Por causa das conversações amorosas.

Para negocio de namoro não ha como eu. Nos dias de semana, passo á tarde, comprimentto-a, vou á casa jantar, e volto, tornando-a comprimental-a.

Nos domingos, vou á missa ou á qualquer festa para vel-a, e depois passo duas e tres vezes pela sua porta; nos bailes, em que com ella me encontro então

Assim como, contrafeito,  
Deste assumpto já desisto:  
Não quero, amigo do peito,  
Soffrer martyrios de Christo,  
Ser taxado de suspeito.

E na futura missiva,  
Por Deus e cinco mil réis,  
Se a muza estiver activa;  
Vou debulhar-lhe uns *papeis*  
D'algum que a pagar s'esquiva.

E na mesma occasião,  
Peço ao Maneca Duarte,  
O rapaz da fundição,  
P'ra fundir com geito e arte  
O cobre da collecção...

E banco na redea agora;  
Já basta d'escaramuça;

sim; desfaço-me em amabilidades e... fico doudinho...

Mas dizer que ando conversando pelas janellas ou mesmo visitando-a, não!

Sabe a leitora que para isso é preciso uma camisasinha bem engommada, um collarinho bem limpo, uma fatiota boa, botinas em bom estado, um pouco de essencia *Victoria* etc., etc., objectos que nem sempre eu os possuo nas condições exigidas pelos namorados. Sim, a leitora não me pôde contestar, porque sou capaz de apostar em como vós sois uma de tantas que, quando o namorado não se vós apresenta como acima disse, não estaes satisfeita.

Ainda outra prova de que quasi sempre são prejudiciaes as conversações amorosas.

O Birboque sahiu de casa com o intuito de confabular algumas horas com a pequena.

Sucedeu, porém, que encontrou a ca-a fechada e muito contrariado voltava á sua residencia, quando esbarrou em um pequeno involucro que, desembrulhando-o, verificou ser duas *pellegas* de cincoenta e mais alguns *bicos* Oh! que achado! Como é feliz o Birboque! E, no entretanto, se elle tivesse achado a porta aberta, o que lucraria com o colloquio?

Nada absolutamente.

O Marcilio está a meu lado

Já sahi *porteira* á fóra,  
Antes que boceje e tussa,  
Faço ponto sem demora.

Mas antes, caro senhor,  
Quando ao *Vidoski* escrever,  
Me vai fazer o favor  
De em letras gordas dizer,  
Que de mim pôde dispor,

E, sem mais tempo, um abraço  
Bem forte, duro, apertado,  
Como *presilha de laço*,  
Acceite

Do seu criado

*Juca Maneca do Passo.*

## O EXEMPLO

protestando; pois diz elle que as doces palavras de sua *ella* valem mais do que quantas *pel legas* ha no mundo.

Devido a esse achado o Birboque tomou uma grande *carraspana* e hoje não divertirá ás leitoras com as produções fulgurantes de seu brilhante talento e sobretudo com a verve que lhe é peculiar.

Por fallar em Birboque, vou conceder-lhe um favor, inserindo em minha secção as seguintes quadrinhas que elle me enviou:

Na rua do Espirito Santo  
Existe um pé de chorão,  
O qual, se o tronço fallasse,  
Denunciava um coração,

Dizendo quanto elle soffre  
Por causa de eterno amor,  
Que a golpes só de um *machado*  
Esfriará seu forte ardor.

Tem dado dôr de canellas  
Um grosso azeite que eu vi,  
Fabricado abertamente,  
Lá na rua do Avahy.

Do tal azeite, leitora,  
Lá no Carmo teve a *palma*  
Um boticario! que raiva  
Causou á minha pobre alma?

Já vos caceteei muito, leitoras,  
e aqui faço ponto.  
Até domingo.

JUVENAL.

O Anacleto é um typo originalissimo. Quando encontra um enterro na rua, acompanha-o até ao cemiterio, dando signaes da mais profunda dôr.

— Era parente do defunto? perguntalhe ás vezes um dos assistentes, notando a sua afflicção.

— Não o conhecia, meu caro senhor, responde elle entre soluços; mas deve comprehender a minha dôr. Eu sou filho natural, e o defunto podia ser meu pai.

O cidadão Adolpho Perez e sua esposa passaram ante-hontem pelo desgosto de perder sua filhinha Noemia.

Apresentamos-lhes sinceros peza-

mes.

### A' D. Picucha Ribeiro

Lindolpho Ramos  
Alice Ramos  
Luizinda Ribeiro  
J. Estino Ribeiro  
Francelina  
Jacinto Pereira  
Francisco Mariante

Rimario Ribeiro  
Camillo Ribeiro  
Albertina Ribeiro  
J. Ribeiro  
Julista Alves  
Ceza Ramos  
Affonso Alves

T. H'.

No domingo passado celebrou-se com todo o esplendor a festa de N. S. do Carmo na respectiva igreja.

A's 10 horas teve começo a missa solemne, prégando ao Evangelho o revdm. padre Alberto Nogueira que produziu uma oração brilhante.

O templo sagrado achava-se elegantemente ornamentado.

A concorrência foi numerosissima, tendo muitas pessoas assistido a festa, da parte exterior da igreja.

No dia 18 completou 24 annos de idade o estimado moço Julio da Cunha, enviamos-lhe sinceras congratulações.

A 19 fez annos a Sra. D. Maria Euphrosina da Silva.  
Nossas felicitações.

### Declaração

Accedendo a pedidos de varios amigos, deixo de publicar, conforme prometti em o numero passado, o nome do individuo que *suspendeu* o meu chapéo.

Merece a minha commiserção o sujeito que não trepidou em sacrificar sua reputação, por causa de um chapéo. E' um ladrão porco.

Marcilio Freitas.

Sabemos que está em via de organização n'esta cidade um club dan-sante denominado *Democrata*.

Hoje, ao meio dia, devem reunir-se em sessão os socios do *Club dos Quinze*, afim de marcarem o dia em que devem dar o baile.

### Beneficencia Porto-Alegrense

O Dr. Luiz Masson dá suas consultas, das 8 ás 9 horas no edificio da sociedade; das 10 ás 11, na botica á rua da Floresta n. 29 A; e das 2 ás 3 horas da tarde, na botica Nabor Moura de Azevedo, á rua dos Andradas, isto a contar do dia 1.º de Julho futuro.

Fiscal de mez: — O cidadão Francisco Antonio da Silva, residente á rua dos Andradas n. 167.

S. D.

### União Profissional

A directoria d'esta sociedade communica aos socios e convidados que effectuará á sua partida na noite de 31 do corrente, sob a direcção de uma commissão composta dos cidadãos — Alfredo Antonio d'Annuncia, Francisco Coelho da Silva e Quintino Dias de Souza.

Os recibos estão em poder do Sr. Francisco Coelho  
Porto Alegre, 23 de Julho de 1893.

2—1

A directoria.

### Annuncios

O Sr. Napoleão Alves dos Santos, que é tão exigente para com seus devedores, é necessario que o seja consigo mesmo. Assim é que esse cidadão chamou ha dias a contas um moço por estas mesmas columnas e, no entretanto, não se lembrou de pagar a musica que mandou, já ha muito tempo, seu irmão contractar para tocar em sua casa.

Pedro Celestino.

O abaixo-assignado declara que nesta data, fica sem effeito o seu contracto de casamento com D. Maria Luiza Pinheiro da Cunha, como foi publicado pela imprensa desta cidade.

Isto devido ao mau comportamento della.

Porto Alegre, 20 de Julho de 1893.

João Gonçalves Leonardo.

**N**O Gymnasio S. Pedro, precisa-se de um bom copeiro. Para informações dirijam-se ao Sr. Adão Florencio da Silva, no mesmo collegio, á rua Riachuelo n. 299.